

**PELE CLARA, PELE ESCURA: OS EFEITOS DA
COLONIZAÇÃO NOS CONTOS *PRINCESA RUSSA*, DE MIA
COUTO E *O VELHO CHEFE MSHLANGA*, DE DÓRIS LESSING /
*LIGHT SKIN, DARK SKIN: THE EFFECTS OF COLONIZATION IN
THE TALES RUSSIAN PRINCESS, BY MIA COUTO, AND THE OLD
CHIEF MSHLANGA, BY DÓRIS LESSING***

Letícia de Oliveira Galvão*

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a constituição da subjetividade tanto do negro quanto do branco durante a colonização tendo como base a análise da perspectiva identitária e de exílio em dois contos pós-coloniais. A perda da terra e o exílio em aldeias transformaram o espaço cultural do povo africano, que sem liberdade tornou-se escravo de seus senhores e de sua própria cor, um destino não escolhido, mas que os desqualifica como seres humanos. Neste caso, investigaremos a relação dos personagens Nádia, Fortin e Júri, em *Princesa Russa*, de Mia Couto, e de Patroinha, Mshlanga e Jordan em *O velho chefe Mshlanga*, de Dóris Lessing, observando se há a (des) construção da identidade deles durante este período e como ambos os contos apresentados mostram traços de resistência à escravidão por parte dos nativos africanos e, a representação do exílio e do nacionalismo tanto nas comunidades brancas quanto negras. Para tanto, será de grande uso como base teórica os estudos de autores como Edward W. Said, Stuart Hall e Homi Bhabha que procuram problematizar a questão da representação de identidade nas minorias. Com a análise aqui apresentada espera-se que o leitor possa compreender a importância da literatura pós-colonial para entendermos a visão do outro e seu reflexo, ainda na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização. Dóris Lessing. Identidade. Mia Couto.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the constitution of subjectivity both black people as white people during colonization based on the analysis of identity and perspective of exile in two post-colonial tales. The loss of land and the exile in villages transformed the cultural space of the African people, that without freedom he became slave of his master and of his own color, a destination not chosen, but which disqualifies them as human beings. In this case, we will investigate the relationship of characters Nadia, Fortin and Júri in Russian Princess, by Mia Couto, and Patroinha, Mshlanga and Jordan in The old chief Mshlanga, by Dóris Lessing, observing whether there is (de)construction of their identity during this period and as both tales presented show traces of resistance on the part of the African natives and the representation of exile and nationalism in both white and black communities. To do so will be of great use as theoretical basis the studies of authors such as Edward W. Said, Stuart Hall and Homi Bhabha that seek to problematize the issue of representation of identity in minorities. With the analysis presented here it is expected that the reader can understand the importance of postcolonial literature to understand the vision of the other and their impasses, even nowadays.

KEYWORDS: Colonization. Dóris Lessing. Identity. Mia Couto.

* Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Ponta Grossa – PR – Brasil. E-mail: leh_galvao@hotmail.com.

Desde o século XIV, relatos sobre a passagem dos países com maior poder marítimo pelas terras africanas enraizaram-se na História. Neste período, os europeus, supremacia colonizadora da África, buscaram escravizar e usurpar a terra que fora “descoberta”, negando a cultura nativa e impondo sua força contra qualquer tentativa de liberdade. Com o passar dos anos, homens ricos de todos os continentes buscaram dominar o local e durante os séculos posteriores, riquezas foram retiradas ao passo de que a escravidão se tornava mais enraizada no cotidiano do povo nativo.

O reflexo das ocupações na África surgiu com grande força na literatura, apresentando seu auge através da crítica trazida por obras de autores de grande influência no século passado. Dois destes grandes autores serão trazidos neste artigo, sendo eles a britânica Dóris Lessing e o moçambicano Mia Couto, escritores premiados que fazem da leitura um impacto, até em leitores mais experientes.

Lessing (1919 – 2013), ganhadora do Prêmio Príncipe das Astúrias e o Prêmio Nobel de Literatura (2007), sendo este último aos seus oitenta e nove anos de idade, a autora é considerada um ícone da literatura feminista e conta com cinquenta obras publicadas sobre os mais diversos assuntos, entre eles, observa-se além de estudos feministas, críticas a guerra, a colonização e até mesmo, um coleção especificamente sobre animais. Suas obras mais conhecidas são *A canção da relva* (1949), *O carne dourado* (1962) e sua primeira coletânea de contos africanos *A terra do velho chefe* (1973).

Em *O velho chefe Mshlanga*, conto trazido na coletânea acima explicitada, encontramos britânicos já bem estabelecidos na África e sem nenhum sentimento para com as pessoas que viviam nos locais de ocupação. Os africanos deveriam escolher entre trabalhar para o branco ou sair de sua terra em busca de alguma oportunidade de vida, uma utopia que ainda persistia frente a toda crueldade que já haviam presenciado.

Já o outro conto que será analisado está intrínseco na obra *Cada homem é uma raça* (1990), foi escrito pelo autor Mia Couto nascido em Moçambique, África, em 1955. Escritor com um extenso número de obras, apresentou ao mundo poesias, crônicas, romances e contos que buscam refletir, em grande parte, nos conhecimentos dele sobre sua própria terra, tendo como base fazer com que o leitor observe a cultura africana sob novas lentes.

Em *Princesa Russa*, conto do autor que será analisado aqui, temos como momento histórico o período de ascensão das buscas por ouro, a qual chamou tanta atenção que

grande parte dos países com maior poderio militar guerreavam entre si por um pedaço de terra. Os russos, vendo uma perspectiva de aumentar suas riquezas se estabeleceram na nova terra, mas suas expectativas não foram bem sucedidas, o que os fizeram retornar para a Rússia poucas décadas após as ocupações.

Durante as colonizações aqui apresentadas e mais todas que também fazem parte da história africana, nós vemos negado ao nativo sua própria cultura, suas crenças e sua identidade em uma terra em que a pior coisa que lhe poderia acontecer era ser negro. Os reflexos disso encontramos até hoje em um território que fora abandonado pelos colonizadores a mercê de guerras internas.

Para tanto, neste trabalho iniciaremos com a análise de Nádía e Patroinha, personagens reflexos da imposição colonial e posteriormente, o relacionamento dos negros com Júri e Jordan e suas intenções para com o local em que vivem. Espera-se que o leitor compreenda estas várias visões de mundo presentes em *Princesa Russa*, de Couto, e *O velho chefe Mshlanga*, de Lessing que buscam problematizar as esperanças dos povos, tão desiguais, em um território em que todos devem conviver.

Nádía e patroinha: o pensamento igualitário

No enredo de *Princesa Russa* e *O velho chefe Mshlanga* encontram-se duas visões distintas dos apreços da colonização que acabam por trazer ao leitor experiências na terra africana contrastadas em momentos bons e maus.

Vemos, de primeira mão, o branco colonizador que vem tomar a África para si na expectativa de aumentar sua riqueza e manter a superioridade de sua cultura, negando a identidade do negro, exilando-o na mata ou transformando-o em serviçais. É interessante perceber que em ambos os contos, este estereótipo é representado por homens. Isto ocorre devido à situação decorrente da própria época e que já vem de muitos séculos anteriores: a superioridade masculina.

Desde os primeiros textos antigos que temos, como por exemplo, *A república*, de Platão, e *A Poética Clássica*, de Aristóteles, notamos a necessidade de enquadrar o sexo masculino num posto acima dos outros seres, entretanto, isso só acontecia com homens cujo poder maior era sua riqueza e com isso ele teria o direito de escolher a melhor esposa. Durante o século V, Aristóteles traz para o seu texto, certos comentários sobre patriarcalismo que, mesmo passado tantos anos, é visto de forma enfática no relacionamento colonialista, para ele “mesmo uma mulher ou um escravo podem ser bons,

embora talvez a mulher seja um ser inferior e o escravo, de todo em todo insignificante” (ARISTÓTELES, 2005, p. 34-35), neste caso, observa-se que os serviçais de maior confiança dos “donos das terras” também são homens, como o encarregado Fortin em *Princesa Russa* que, apesar de ser negro, é colocado em uma posição de poder frente aos seus companheiros.

Este conto retrata a vida de uma moça chamada Nádia que é levada de sua terra natal pelo seu marido para Manica na África em busca das riquezas das minas de ouro. Lá, a moça vai da loucura à morte desejando o retorno ao seu país de origem. Nádia é retratada como uma mulher alheia à colonização, ela não concorda com sua ida para o local e deseja conhecer mais o povo que vive ao seu redor, porém é exilada pelo seu próprio marido que não deseja que ela veja as crueldades da terra. Suas ânsias e descontentamentos são ditos a Fortin, que se impressiona com os relatos da moça:

Perguntei se na terra dela havia pretos e ela fartou de rir: ó Fortin, você faz cada pergunta! Admirei: se não havia pretos quem fazia os trabalhos pesados lá na terra dela? São brancos, respondeu. Brancos? Mentira dela, pensei. Afinal, quantas leis existem nesse mundo? Ou será que a desgraça não foi distribuída conforme as raças? (COUTO, 1990, p. 39-40).

Durante o desenrolar do enredo conhecemos a personagem e suas aflições, trazendo para o auge do seu desgosto a queda da mina de Júri, seu marido, que acaba por ferir ou matar muitos trabalhadores do local. Nota-se que ela procurava viver na África como vivia na Rússia, mas suas expectativas parecem ser destruídas juntamente com a mina de ouro tão desejada por Júri, levando-a ao desespero em busca de sua própria natureza até que encontra seu alívio na morte.

A experiência de vida trazida por Nádia entra em combate com a nova visão de mundo em que ela foi obrigatoriamente inserida ocorrendo uma desconstrução de sua identidade a partir perda de sua inocência sobre o lugar onde vive. Para tanto, pode-se observar nos estudos de Hall (2002) como isso acaba por ocorrer, segundo ele, a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta de inteireza* que é preenchida a partir de nosso exterior” (HALL, p. 38-39).

Curiosamente, a chamada “falta de inteireza” que leva Nádia à loucura em busca do eu deixado na Rússia, leva Patroinha ao conhecimento de si e ao reconhecimento do

negro como igual na mesma terra, sendo assim, observamos que “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características partilhadas com outros grupos de pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 106), esta identificação transforma o pensamento de ambas as personagens, uma encontra a fuga na morte e a outra no reconhecimento.

Patroinha é personagem do conto *O velho chefe Mshlanga*, de Dóris Lessing. Na história, encontramos uma menina inglesa e branca, filha do patrão Jordan, um homem inescrupuloso que retira dos negros toda a sua dignidade. Diferente de Nádía, a menina tem a liberdade de percorrer os campos africanos sob a supervisão de dois cães e levando consigo uma arma. Por ser ainda nova, sua identidade enraíza-se na África, por isso, este conto traz mais informações sobre os lugares onde ela passou, os espaços onde vive, seus medos e anseios ao se deparar com outra cultura.

Deve-se ressaltar que Nádía não se exila por opção própria durante o conto, mas sim é exilada. Presa em casa sob os cuidados dos poucos nativos que pode ter contato, a personagem agoniza em seu desejo de voltar a Rússia, neste caso, percebe-se que a natureza da personagem é “fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado.” (SAID, 2003, p. 50).

Dessa forma, percebem-se as diferenças de abordagem dos contos pelos autores que procuram retratar a identidade dos personagens sob o mesmo continente. Enquanto que em *Princesa Russa*, de Mia Couto, a temática é voltada a representar o exílio psicológico e a crise de identidade vivida por Nádía que acaba por enlouquecê-la, em *O velho chefe Mshlanga*, de Lessing, nos teletransportamos para a África para observarmos a construção da identidade da Patroinha, pois especialmente nesta personagem “Nenhuma identidade é construída pelo isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros” (GOMES, 2005, p. 42).

Portanto, Patroinha começa a amadurecer sua visão de igualdade com o outro a partir do momento em que conhece pessoalmente o chefe Mshlanga, antigo dono das terras, as quais foram apropriadas pelo pai da personagem. Diferente dos outros negros que ela conhecia, Mshlanga trazia consigo o orgulho de sua própria raça e não se inferiorizava na frente da moça. O interesse por ele transforma seu próprio pensamento,

Não muito mais tarde, li no livro de um velho explorador a frase: A terra do chefe Mshlanga. E o relato prosseguia: Nosso destino era o país do

velho do chefe Mshlanga, ao norte do rio; era nosso desejo pedir sua permissão para prospectar ouro em seu território. A frase ‘pedir permissão’ era tão extraordinária para uma criança criada na crença de que todos os nativos deviam ser considerados como coisas a serem utilizadas, que fez reviver perguntas que não podiam ser suprimidas; essas perguntas fermentaram lentamente em minha cabeça (LESSING, 1973, p. 16).

Patroinha então adentra cada vez mais a floresta em busca de saber mais sobre a cultura nativa, a dignidade de Mshlanga colocou em xeque sua percepção sobre a superioridade branca, ela não se vê como estrangeira e sim, como parte de toda aquela cultura, como igual a qualquer nativo, chegando a afirmar seu pertencimento através de suas próprias palavras, dizendo “fui criada aqui, este país também é meu, tanto quanto dos homens negros; há bastante espaço para todos nós” (LESSING, 1973, p. 17), como consequência, percebemos uma linearidade entre o pensamento desta personagem com os estudos de Hall sobre a cultura nacional, pois através deste relato notamos que,

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional, busca unificá-lo numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. [...] Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural (HALL, 2002, p. 59).

É interessante perceber que diferentemente de Patroinha, Nádia em *Princesa Russa*, de Couto, não teve qualquer sentimento de pertencimento ao país em que está vivendo, ela se mantém presa as suas lembranças do passado, pois é exilada em sua casa e impossibilitada de conhecer a cultura dali, este exílio a levou a loucura, uma loucura narrada pela voz do menino Fortin:

Reparei que chorava. Coitada da senhora, senti pena. Uma mulher branca, tão longe dos da raça dela, ali, no pleno mato. Sim, para a princesa, tudo aquilo devia ser mato, arredores de mato. Mesmo a grande casa, arrumadinha segundo a vontade dos seus costumes, mesmo a sua casa era residência dos matos (COUTO, 1990, p. 40).

Fora de si e maltratada pelo marido, Nádia vê em seus sentimentos passados a sua vontade de viver, e como na metáfora apresentada pelo autor, a personagens dança em cacos de vidros, contrastando sua inocência e seu sofrimento, até que morre em busca de sua vontade de voltar a seu verdadeiro amor, na Rússia, “a tragédia brota da esperança em luta exagerada com a fatal limitação do destino, das circunstâncias” (ZAMBRANO,

2010, p. 4), estas tais que Fortin presenciou a todo o momento, sem poder salvar a moça de seu destino fatal.

Neste caso, a Patroinha mais que Nádia reconhece o poder da cultura nacional do povo nativo e se sente parte daquilo tudo. Sob os mantos da curiosidade da menina, *O velho chefe Mshlanga* traz ainda a resistência do negro de manter sua cultura mesmo sendo humilhado pelo colonizador branco.

A moça traduz para si o orgulho de ser uma nativa africana mesmo sendo branca, entretanto, enquanto está nos arredores da fazenda em que vive o poder da cultura de superioridade do branco impera sobre o negro e ela sabe que faz parte disso, mas ao entrar cada vez mais na floresta e até mesmo chegar ao que sobrou da aldeia de Mshlanga, Patroinha percebe que o poder cultural e a identidade negra que sobrevive ali traduz um passado de sofrimento que ela não é capaz de imaginar, mas que agora passa a compreender.

Nesse caso, temos intrínseco nesta personagem o sentimento de nacionalismo e a negação de um possível exílio. Ela se sente parte da África, mesmo tendo ares de colonizadora, nada mais naquela terra a assusta, já que sua percepção de mundo a faz pensar de maneira igual ao nativo, sendo assim “o nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança, cultural [...] e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos” (SAID, 2003, p. 49).

A construção da identidade de Patroinha traduz-se em sua busca de descobrir a do outro e, diferente do seu pai, ela procura compreender o negro. Enquanto ela se reconhecia como africana, vendo este “estrago”, como é dito por Edward Said, através de Jordan, personagem que exalava os desejos de um branco inglês colonizador que almejava cada vez mais terras e condicionava o nativo ou a abandonar sua cultura e servi-lo, ou a ir embora para outro lugar, deixando para trás uma terra que já foi sua,

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas zonas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais (FANON, 2005, p. 28).

Não havendo possibilidade de viver em paz com o pai de Patroinha, um homem rude que apenas pensa em suas próprias riquezas, Mshlanga e seu povo que se escondiam em meio à floresta se retiram da pequena aldeia em que viviam e vão embora, procurando um lugar em que ainda poderiam sobreviver, resistindo à vontade do branco, e no vácuo

que se segue durante sua partida, que mesmo sem rumo leva a esperança de seu povo, Mshlanga torna-se ruína, e nelas “o que vemos e sentimos é uma esperança aprisionada, que quando esteve intacto o que agora vemos desfeito quiçá não era tão presente: não havia alcançado com sua presença o que consegue com sua ausência” (ZAMBRANO, 2010, p. 3)

Ausência que marcara para a sempre a vida de Patroinha. Uma menina tão africana quanto os demais nativos, graças ao chefe.

Por fim, é interessante perceber o quanto ambas as personagens são diferentes do pensamento que até hoje temos dos colonizadores, elas sentem na pele a maldade branca frente ao povo excluído em sua própria terra. São personagens ímpares que através de suas percepções de mundo nos fazem olhar a colonização de uma forma crua, sem enfeites e sob novas lentes.

Sendo assim, partiremos agora para a análise do colonizador branco alheio à cultura do outro, aquele que retira do nativo africano sua terra, sua cultura e desconstrói sua identidade e os nomes que surgem nas narrativas os que mais irão nos interessar a partir daqui são os dos padrões Júri (marido de Nádia em *Princesa Russa*) e Jordan (pai de Patroinha em *O velho chefe Mshlanga*).

Colonização: relacionamento patrão e empregado

Apesar de os enredos de *Princesa Russa*, de Mia Couto, e *O velho chefe Mshlanga*, de Dóris Lessing, serem voltados à constituição das personagens Nádia e Patroinha frente a terra e ao povo africano, muitos personagens cruciais para o desenrolar dos acontecimentos devem ser levados em conta durante a análise dos contos.

Como base da colonização, o estereótipo do branco colonizador surge no conto *Princesa Russa* através do marido de Nádia, o patrão Júri. Ele se muda para Manica em busca de conseguir riquezas a partir de minas de ouro, transformando os nativos em escravos. A exploração das terras africanas foi uma atitude muito comum, durante o período dos grandes impérios (majoritariamente europeus), na qual “estão em jogo territórios e possessões, geografia e poder [...] Por inúmeras razões, elas atraem algumas pessoas e muitas vezes trazem uma miséria indescritível para outras” (SAID, 1995, p. 37).

Através dos olhos de Fortin, um dos nativos que tornaram-se escravos durante a busca por territórios, conhecemos seu relacionamento com Nádia, com que ele goza de

ter maior contato dentro da casa de seu patrão, dessa forma, observa-se que por ter esta proximidade ele acaba excluindo-se de seu próprio povo:

Porrada não é coisa para príncipe. Pancada ou morte eles não executam, encomendam os outros. Somos nós a mão das suas vontades sujas, nós que temos destino de servir. Eu sempre bati por mando de outros, espalhei porradarias. Só bati gente da minha cor. Agora, olho em volta, não tenho ninguém que eu posso chamar de irmão. Ninguém. Não esquecem esses negros. Raça rancorosa esta que eu pertença (COUTO, 1990, p. 41).

Fortin é um negro renegado pelos seus companheiros por sempre fazer o “trabalho sujo” e esta sensação de não pertencimento a lugar algum está presente em todo o conto, que se passa enquanto ele tenta expor para um padre todos os seus pecados. Os pensamentos do outro sobre sua cultura e sua raça estão tão enraizadas nele a ponto do personagem não considerar a colonização negativa, já que não tem outra percepção de vida além da qual vive, neste caso, “o discurso colonial emprega um sistema de representação, um regime de verdade” (BHABHA, 2013, p. 111).

Para este personagem, o sofrimento é algo normal e recorrente de sua cor, por isso há grande estranhamento ao ver que Nádía, uma mulher branca e rica também sofre. O exílio de Nádía e seu desespero por não estar em sua terra também são sentimentos ocultos do próprio Fortin, que já está tão acostumado a viver alheio ao desespero de seu povo que ao vê-los machucados na mina procura se afastar o máximo possível, pois é nesse tipo de momento que ele tem consciência de sua posição, um igual aos seus colegas de cor,

Mas afinal os infernos já nós vivemos, calcamos suas chamas, levamos a alma cheia de cicatrizes. Era como ali, aquilo parecia uma machamba de areia e sangue, a gente tinha medo só de pisar. Porque a morte se enterrava nos nossos olhos, puxando a nossa alma com os muitos braços que ela tem. Que culpa tenho, diga-me com sinceridade, que culpa tenho de desconseguir peneirar pedaços de pessoa? (COUTO, 1990, p. 42).

Para Fanon (2005), no contexto colonial, “o colono só dá por findo seu trabalho de desancamento do colonizado quando este último reconhece em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos.” (p.32), dessa forma, a desconstrução da identidade de Fortin tem como culpado Júri, que o domesticou e o fez não compreender sua própria raça, o nativo por sua vez, não busca mudar seu destino, ele se mantém junto a Nádía, mas a julga por ser tão diferente dos demais brancos que já passaram por sua vida.

Em contraposição a este personagem encontramos em *O velho chefe Mshlanga*, um negro que resiste a dominação da cultura branca. Apesar de Mshlanga fazer acordos com Jordan, pai de Patroinha, ele não é subordinado e não trata Jordan como dono das terras. No conto, ele é a voz africana que ainda ecoa durante a colonização na expectativa de poder viver em paz, personagem singular que representa a importância do arcabouço cultural trazido por Lessing, segundo Said “não podemos esquecer que era mínima a resistência doméstica a esses impérios, ainda que muitas vezes fossem fundados e mantidos em condições adversas e desvantajosas” (1995, p. 41).

Para tanto, a resistência do chefe não se pode ser negada, mesmo que ele tenha se obrigado a sair das terras em que havia nascido, ele resistiu até o último momento. Em contrapartida, Jordan (pai de Patroinha) é como Júri (Marido de Nádia), sua visão está diretamente ligada à riqueza material, por isso não compreende e não trata os negros com igualdade, ele “não tinha de si mesmo a ideia de uma pessoa rica, mas sim de muito pobre” (LESSING, 1973, p. 22), dessa forma, quanto mais Jordan pudesse retirar do povo nativo, mais ele se sentiria satisfeito.

Diferente de Mshlanga, seu filho teve mais contato com a vida na fazenda de Jordan, a humilhação e a perda da terra fizeram-no pensar em si mesmo como inferior. Sua identidade desconstruída reflete o sofrimento do seu povo, pois “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferenças e não estão livres do jogo do poder, de divisões e de contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas” (HALL, 2002, p. 65), isto é, apesar de Mshlanga ser o símbolo de resistência dos nativos africanos, seu filho não consegue manter sua própria dignidade e sua visão de mundo passa a ser vista apenas a partir do negro como inferior. A filha de Jordan interessa-se, então, a observar as diferenças entre os dois, o velho chefe que exalta sua liberdade e seu filho que se subordina ao outro.

Neste caso, observamos a partir da linha de pesquisa sobre os poderes trazida pelo filósofo francês Michel Foucault que, tanto o filho do chefe quanto Fortin são seres “disciplinados”, por consequência, são os reflexos perfeitos dos efeitos da colonização, pois tendem a se manter sob ordens:

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, 2007, p. 238).

Através da teoria de Foucault podemos notar que para ele o poder disciplinar não deve ser visto com maus olhos, pois tem a capacidade de manter a ordem dentro de uma determinada sociedade, entretanto, percebemos que como a conquista da África foi feita a força, o poder disciplinar aqui se torna um meio de dominação. E dentre tantos exemplos apresentados em ambos os contos, curiosamente Mshlanga é o único não disciplinado pelos colonizadores, portanto, a partir do momento em que não se submete aos desejos de Jordan, ele abandona suas terras em busca de um lugar em que ainda possa ser livre junto com os poucos rebeldes que se mantêm do seu lado nesta jornada.

Já Patroinha se constrói a partir do contato com o outro, sua identidade está em constante transformação a partir do momento em que conhece o velho chefe. Ela ganha sua liberdade do poder disciplinar do pensamento colonizador através das vivências além da fazenda. Nádia, por sua vez, mesmo exilada por seu marido não se sujeita a seus gostos e busca em Fortin o alívio da vida em um lugar que não é seu, ele por sua vez, não se esforça para tornar-se diferente e aceita ser disciplinado, não tendo qualquer perspectiva de mudança, apesar de ter convivido com sua bela patroa, uma mulher tão diferente dos demais brancos que conheceu.

Considerações finais

A África foi palco de um emaranhado de colonizações que acabaram por infertilizar grande parte da terra e transformar a cultura do povo local. Poucas esperanças refletiam aos olhos dos que foram aprisionados pelo destino de nascerem negros que, sem perspectivas de tornarem-se livres, aceitavam os comandos do outro.

Em *Princesa Russa*, de Mia Couto encontramos Fortin, um homem conformado com a vida na casa grande, sob as ordens de um dono de minas chamado Júri, mas que entrar em contato com Nádia se vê dividido entre o desejo de ajudá-la e a obrigação de manter-se apenas um empregado. Já a moça, exilada em casa enlouquece e morre, sem ao menos ter a oportunidade de ver a sua terra natal tão almejada mais uma vez.

Em *O velho chefe Mshlanga*, vemos o embate entre a cultura do branco colonizador e a do negro colonizado, ao ponto que a pequena Patroinha adentra cada vez mais na floresta, mais ela reconhece o outro como seu igual, construindo sua identidade a partir do respeito e da curiosidade. Diferente dela, seu pai Jordan se limita a humilhar qualquer outra cor que não seja a sua própria.

Neste meio-termo encontramos Mshlanga, o símbolo da negritude, um chefe que perdeu suas terras para os brancos, mas que ainda resiste a colonização com as últimas forças que lhe restam em vida. Seu filho, nativo de interesse de Patroinha, é totalmente ao contrário de seu pai, um jovem feito refém em uma terra em que viveu desde criança.

A partir da análise apresentada neste artigo, acredita-se que o leitor consiga observar as diferentes transformações que a colonização trouxe para estes personagens, notando de que forma os enredos foram construídos para viabilizar as percepções sobre dois diferentes tipos de brancos e dois diferentes tipos de negros. A dignidade faltou a Fortin, mas se manteve em Mshlanga. O orgulho de pertencer a terra em que vive é construído em Patroinha, mas destrói Nádia.

Os caminhos de uma colonização cruel são vistas até hoje no continente africano e o povo não tem forças para seguir sozinho, sua língua lhe foi retirada em muitos casos e sua identidade tornou-se marcada pelo sofrimento, o que fez com que após a colonização, os nativos lutassem entre si. Por fim, espera-se que este estudo tenha contribuído para um novo (re) pensar sobre a construção subjetiva tanto do branco quanto do negro durante o período colonial na África.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Tradução de Jaime Bruma. 12ª ed. São Paulo: Editora Cultrix: 2005.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila Eliana Lourenço de Lima Reis Gláucia Renate Gonçalves. 2ª Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. 3ª Ed. Lisboa: Caminho, 1990.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Alberfaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 34ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: Caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LESSING, Dóris. O velho chefe Mshlanga. In: *A terra do velho chefe*. Tradução de Carlos Evaristo Marques. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1973.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZAMBRANO, María. *Uma metáfora da esperança: As ruínas*. Tradução de Rodrigo Lopes de Barros Oliveira. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

Recebido em: 11 de março. 2018

Aceito em: 21 de nov. 2018